

Uma abordagem ampliada da reduplicação no Vocabulário Portuguez, e Latino de Bluteau (séc. XVIII)

An expanded approach to reduplication in the Vocabulário Portuguez, e Latino by Bluteau (18th century)

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.31300>

Antonia Vieira dos Santos

Possui graduação em Letras Português (Licenciatura) pela Universidade de Brasília (1997), graduação em Letras Português (Bacharelado) pela Universidade de Brasília (1999), mestrado em Linguística Portuguesa pela Universidade de Coimbra (2003) e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2009). Foi professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica, atuando principalmente nas áreas de formação de palavras, léxico e morfologia. Integra o Grupo de Pesquisa PROHPOR – Programa para a História da Língua Portuguesa, sediado no Instituto de Letras da UFBA.

E-mail: toniavieira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2144-8168>

RESUMO

Constitui o objetivo deste trabalho descrever a reduplicação no *Vocabulário Português, e Latino...* de Rafael Bluteau (1712-1728), importante fonte para o estudo do léxico português, analisando-se a representatividade desse fenômeno a partir dos itens lematizados. A reduplicação é descrita no âmbito da morfologia não concatenativa e é definida como "um processo morfológico que envolve a cópia de material fonológico de uma base" (GONÇALVES; VIALLI, 2016, p. 57), podendo, a unidade lexical, resultar da cópia de toda a palavra (reduplicação total: *cai* → *cai-cai*) ou de parte dela (reduplicação parcial: *pai* → *papai*). O fenômeno resulta, portanto, da relação da morfologia com a fonologia. No entanto, a concepção de reduplicação utilizada neste artigo é ampla, pois inclui casos de onomatopeia, em geral não considerados nos estudos sobre o tema. Neste trabalho, apresenta-se ainda, de forma breve, uma análise das marcas de uso que Bluteau atribui a algumas formas reduplicadas. Os resultados desse estudo certamente servirão como contributo para as pesquisas empreendidas no presente com base em dados da sincronia atual.

Palavras-chave: Morfologia não-concatenativa. Reduplicação. Onomatopeia. *Vocabulário* de Bluteau. História da língua.

ABSTRACT

The objective of this paper is to describe the reduplication in the *Vocabulário Português, e Latino...* of Rafael Bluteau (1712-1728), an important source for the study of the portuguese lexicon, analyzing the representativeness of this phenomenon from the lemmatized items. Reduplication is described in the context of non-concatenative morphology and is defined as "a morphological process that involves copying phonological material from a base" (GONÇALVES; VIALLI, 2016, p. 57), and the lexical unit may result from copying entire word (total reduplication: *cai* → *cai-cai*) or part of it (partial reduplication: *pai* → *papai*). The phenomenon results, therefore, from the relationship of morphology with phonology. However, the concept of reduplication used in this paper is broad, as it includes cases of onomatopoeia, which are not generally considered in studies on the subject. This work also briefly presents an analysis of the use marks that Bluteau attributes to some reduplicated forms. The results of this study will certainly serve as a contribution to the research undertaken in the present based on current synchronicity data.

Keywords: Non-concatenative morphology. Reduplication. Onomatopeia. Bluteau's *Vocabulary*. Language history.

Introdução

Os processos chamados não-concatenativos caracterizam-se por envolverem operações que resultam em sequências que, em geral, não correspondem a elementos com estatuto morfológico na língua. Gonçalves (2004, 2016) refere-se à ruptura da sucessão linear de constituintes morfológicos por processos como reduções (truncamento e hipocorização), fusões (mesclagem e siglagem), intercalações ou repetições (reduplicação), o que pode resultar no fato de "uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina" (GONÇALVES, 2016, p. 67-68). Interessa-nos o fenômeno da reduplicação, que, embora definida como "um processo morfológico que envolve a cópia de material fonológico de uma base" (GONÇALVES; VIALLI, 2016, p. 57)¹, podendo, a unidade lexical, resultar da cópia de toda a palavra (reduplicação total: *cai* → *cai-cai*) ou de parte dela (reduplicação parcial: *pai* → *papai*), será abordada, neste trabalho, numa perspectiva ampla.

Até então, as pesquisas sobre a reduplicação em português têm se apoiado em dados da sincronia atual ou de períodos não tão recuados no tempo. Sandmann (1988), por exemplo, no seu estudo sobre a formação de palavras no português brasileiro contemporâneo, registra que o *corpus* forneceu apenas três abonações de reduplicação: *dói-dói*, *oba-oba* e *tititi*. Entretanto, afirma o autor que "[c]om esses poucos porém interessantes exemplos o *corpus* dá testemunho de que esse modelo curioso de formação de palavras também é produtivo" (SANDMANN, 1988, p. 154). Também sobre a produtividade desse tipo de formação, Gonçalves e Vialli (2016) afirmam, com base nas considerações de alguns autores sobre o fenômeno em português², que "[...] a reduplicação é um processo altamente produtivo no português brasileiro (PB), sendo, mostram Villalva e Gonçalves (no prelo)³, de produtividade muito limitada no português europeu e em outras variantes do mundo lusófono"

¹ O trabalho de Gonçalves e Vialli (2016) traz contribuições valiosas de autores brasileiros que abordaram a reduplicação, como Couto (1999) e Araújo (2002), algumas delas apresentadas, de forma indireta, no nosso texto. O objetivo do artigo de Couto (1999), segundo o próprio autor, foi chamar a atenção para a existência da reduplicação em português. Nesse trabalho, o autor elenca uma série de processos que apresentam, em comum, a cópia do todo ou de parte da base, subsumindo-os no fenômeno geral da reduplicação. Detém-se, no entanto, na reduplicação V_iV_i , considerada, pelo autor, a mais comum e a mais importante na língua portuguesa, sendo "largamente produtiva". Quanto ao artigo de Araújo (2002), nele abordam-se dois fenômenos: o truncamento e a reduplicação. Na parte em que trata da reduplicação, faz referência a Couto (1999), indicando que o autor apresenta "uma lista variada de processos ou pseudo-processos de reduplicação no Português do Brasil, incluindo recursos estilísticos como reduplicação poética", acrescentando que "[e]mbora Couto considere um sem-fim de processos, limitar-me-ei somente aos processos sincrônicos VERBO_x-VERBO_x" (ARAÚJO, 2002, p. 76). Percebe-se, assim, que ambos os autores centram-se no estudo da reduplicação total $[V_iV_i]_N$.

² São estes os autores: Couto (1999), Araújo (2002) e Gonçalves e Albuquerque (2004), citados nas referências.

³ Este trabalho de Villalva e Gonçalves, referido como no prelo, foi publicado em 2016. Nele, os autores de fato afirmam que este subtipo de composição morfossintática, $[V_iV_i]_N$, é muito mais comum no Português Brasileiro que no Português Europeu (VILLALVA; GONÇALVES, 2016, p. 184).

(GONÇALVES; VIALLI, 2016, p. 64). São arroladas, do português brasileiro, as palavras *chororô*, *bololó*, *trelelé* e *bafafá*.

No nosso estudo, por outro lado, utilizamos dados do século XVIII, precisamente do *Vocabulário Português, e Latino...*, obra lexicográfica de autoria de Rafael Bluteau. Como se sabe, obras lexicográficas são fontes imprescindíveis não apenas para o estudo do léxico, mas também para o conhecimento de mecanismos de formação de palavras presentes em determinada língua, num determinado período. A natureza do trabalho que apresentamos ao leitor é primariamente descritiva, não havendo a preocupação de detalhar, principalmente em termos fonológicos, as formas reduplicadas extraídas do *Vocabulário*. Além disso, considerando a importância do registro lexicográfico para a história da língua, adotamos uma concepção ampliada da reduplicação que, como veremos adiante, restringe-se, no nível teórico, a formas cuja base seja reconhecível ou depreendida sincronicamente. Nessa perspectiva, que não é a adotada neste trabalho, as onomatopeias não são consideradas no âmbito da reduplicação. Contudo, não é intenção deste artigo invocar, para essas formas, o estatuto de verdadeiras reduplicações, como se fossem geradas a partir de um processo morfológico. Além dos variados tipos de reduplicação – prototípica ou não – encontrados em Bluteau, apresentaremos uma breve análise das marcas de uso utilizadas por Bluteau para se referir a várias dessas formas reduplicadas.

As partes subsequentes deste trabalho estão organizadas como segue: na seção 1, faremos algumas considerações sobre o fenômeno da reduplicação. Na seção 2, descreveremos de forma sucinta o *corpus* da pesquisa, e, na subseção 2.1, apresentaremos os dados extraídos do *Vocabulário*. Nas subseções 2.1.1 a 2.1.7 são descritos os diferentes tipos de reduplicação identificados no *corpus*. Na seção 3, é abordado o uso de marcadores de natureza sociolinguística em algumas formas reduplicadas do *Vocabulário*. Logo a seguir, são apresentadas as considerações finais do trabalho e as referências.

1. Breves considerações sobre o fenômeno da reduplicação

Sandmann (1988), após listar as formas reduplicadas do *corpus*, chama a atenção para a distinção que se pode fazer entre *dói-dói* e *oba-oba* de um lado e *tititi* de outro. No último caso, a repetição se dá a partir de uma sílaba esvaziada semanticamente; apenas a palavra inteira possui significado ('diz-que-me-diz, mexerico'). Nos outros dois casos, *dói-dói* e *oba-oba*, ocorre a repetição de palavras (a forma verbal *dói* e a interjeição *oba*, respectivamente). A reduplicação, em ambos os casos, pode ter, inicialmente, correspondido a uma intensificação do conteúdo semântico, aspecto que pode ter se apagado ou perdido com o passar do tempo. Por exemplo, a forma *oba-oba*, constituída por *oba*

'alegria', passou a significar 'uma alegria grande demais ou excessiva e exagerada', chegando ao sentido de 'indisciplina, confusão'.

A distinção que Sandmann faz entre *dói-dói* e *oba-oba* de um lado e *tititi* de outro é da mesma natureza da distinção que alguns autores fazem entre "verdadeiras" reduplicações e repetições, nas quais se incluem as formas onomatopaicas. Albuquerque e Gonçalves (2004, p. 47), ao buscarem distinguir, dentro de um conjunto de formas que, na aparência, caracterizam-se como reduplicações, estabelecem condições para a identificação de verdadeiras reduplicações. São elas:

- (i) a base sobre a qual atua a cópia deve ser identificável: por exemplo, *pepeta* constitui reduplicação pois a base (antes do encurtamento) – *chupeta* – é sincronicamente depreendida⁴;
- (ii) a forma reduplicada deve apresentar função lexical ou função expressiva: por exemplo, em *corre-corre* e *Fafá*, forma hipocorística de Fátima, nesta ordem; e, por fim,
- (iii) a forma reduplicada não será considerada se apresentar valor onomatopaico, como *tic-tac* e *auau*, entre outros.

Nessa perspectiva, nem toda forma com repetição é considerada reduplicação nos termos de um processo não-concatenativo. Pereira (2016, p. 539) afirma que "[o]s itens lexicais em que, em português, se observa repetição de sequências segmentais, além de pouco frequentes, não manifestam todos o mesmo tipo de propriedades". Assim, a autora distingue os seguintes grupos: (i) reduplicação total: *assim-assim*, *bombom*, *cai-cai*, *corre-corre*, *doi-doi* (*dodoi*), *esconde-esconde*, *lufa-lufa*, *pula-pula*, *pisca-pisca*; (ii) repetição parcial de uma base lexical identificada: *titi* (*titio/a*), *vovó*, *vovô*, *papá* (*papai*), *mamã* (*mamãe*); (iii) hipocorização por reduplicação: *Bebé*, *Fafá*, *Fifi*, *Gigi*, *Nené*, *Nonô*, *Sissi*, *Zezé*.

Não seriam exemplos de mecanismos de reduplicação, portanto: (iv) repetição onomatopaica: *auau*, *memé*, *popó*, *tautau* (*tatau*), *reco-reco*, *zunzum*; (v) repetição de sílabas ou de sequências de sílabas sem ligação a uma base lexical identificável: *cocó*, *pipi*, *ó-ó*, *bebé*, *babá*, *totó*, *xexé*, *gagá*, *chuchu*, *blabláblá*, *lengalenga*, *truca-truca*, o que está de acordo com as condições apresentadas por Albuquerque e Gonçalves (2004).

Nos vários estudos que tratam da reduplicação nas línguas essa questão é levantada. Por não se basear em formas previamente existentes na língua, correspondendo à imitação de um determinado

⁴ De acordo com Vialli (2008, p. 27), a forma *pepeta* consiste numa reduplicação em início de palavra, utilizada em uma situação de *baby-talk*.

som, a onomatopeia tem sido excluída da reduplicação-reduplicação, mecanismo que, apesar de não possuir motivação puramente morfológica, permite depreender uma certa sistematicidade, resultando em padrões na língua, como, por exemplo, a reduplicação de bases verbais, de que são exemplos *bate-bate*, *lambe-lambe*, *pula-pula* e *pisca-pisca*. Por outro lado, formas como *auau*, *bibi*, *quero-quero*, *toc-toc*, por reproduzirem, por imitação, um determinado som ou ruído, são exemplos de onomatopeia.

Contudo, apesar de não configurarem um padrão sistemático e produtivo, as pseudo-reduplicações, notadamente as onomatopeias, constituem formações bastante expressivas na língua, muitas já tendo sido lexicalizadas. Além disso, há casos em que a base está dicionarizada. Em *zum-zum*, por exemplo, a base *zum* está registrada em Houaiss e Villar (2009, s.u. ZUM) com a acepção 'ruído semelhante ao produzido pelo vento, por certos insetos como a abelha, o besouro, a mosca etc.; zum-zum', correspondendo, a forma reduplicada, a uma intensificação da base lexical⁵. Incorporar esse tipo de formação no presente trabalho obviamente implica um desvio da definição de reduplicação apresentada anteriormente, mas, no entanto, acreditamos que a sua descrição, ao lado de padrões produtivos, é importante do ponto de vista da história da língua portuguesa. Tal escolha envolve, portanto, a adoção de uma abordagem ampliada da reduplicação.

Para classificar essas formas bastante heterogêneas, utilizamos, com algumas adaptações, a tipologia apresentada por Kauffman (2015) no artigo *Reduplication reflects uniqueness and innovation in language, thought and culture*. O autor apresenta os seguintes tipos de reduplicação, os quais exemplificamos com formas do português: (1) Reduplicação Total (*Full Reduplication*): *pega-pega* 'brincadeira infantil'; (2) Reduplicação Parcial (*Partial Reduplication*): *dodói* 'machucado'; (3) Reduplicação no *Baby-Talk* (*Reduplication in Baby-Talk*): *pepeta* 'chupeta', 'som produzido pelo cão'; (4) Reduplicação de Rimas (*Rhyming Reduplication*): *tanglomanglo* 'doença atribuída a feitiço; bruxedo; sortilégio' (5) Reduplicação por Alternância Vocálica (*Ablaut Reduplication*): *tique-taque* 'som regular e cadenciado, como o do relógio, do coração etc.'; (6) Reduplicação na Onomatopeia (*Reduplication in Onomatopeia*): *toque-toque* 'som que imita o bater repetido de alguma coisa'; (7) Reduplicação de Nomes Próprios⁶ (*Name Doubling Reduplication*): *Zezé* (de José). O último tipo apresentado por Kauffman – (8) *Shm-Reduplication* – não encontra similar em português, pois envolve a presença do elemento *shm-/schm-*, que atribuí à forma duplicada um valor de depreciação e ironia, como em *money shmoney* ('*money – who cares!*' / 'dinheiro – quem se importa').

⁵ Gonçalves e Vialli (2016, p. 63) apresentam uma situação similar com *lero-lero*. De acordo com os autores, *lero-lero* 'conversa fiada, palavreado vazio', de origem africana, passa a ser entendida como uma reduplicação a partir do momento em que a forma truncada *lero* assume, sozinha, o significado de 'conversa'.

⁶ Além de exemplos de *nicknames* da língua inglesa, como Jon-Jon, Lou-Lou, BeBe, JoJo, Jay-Jay, Mo-Mo, Kauffman (2005) oferece o exemplo de Yo-Yo-Ma, famoso violoncelista franco-estadunidense. Segundo o autor, Yo, correspondente a 'amigável' em chinês, foi duplicado para Yo-Yo.

No entanto, o que de imediato se observa é que, formalmente, a reduplicação total pode apresentar identidade com a reduplicação no *baby-talk*, com a onomatopeia e com a reduplicação de nomes próprios. Ao intentarmos aplicar a tipologia de Kauffmann aos dados do *corpus*, observamos que estas e outras sobreposições também ocorrem, o que exigiu que se fizesse uma escolha metodológica, explicitada na subseção 2.1. À descrição e à classificação dos dados, precede uma breve descrição do *corpus*: o *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, de Rafael Bluteau.

2. O Vocabulario Portuguez, e Latino... de Rafael Bluteau

O *Vocabulario Portuguez, e Latino...* (1712-1728), de Rafael Bluteau, é uma obra lexicográfica bilíngue, constituído por 10 volumes, incluindo dois suplementos, que reúne, além de termos do vocabulário comum, termos de natureza técnica e científica. Trata-se de uma obra que é referência para o estudo da história da língua e para estudos linguísticos, precedendo o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de António Morais Silva, cuja primeira edição é de 1789. Sem dúvida, essa obra tem muito a revelar também sobre a reduplicação.

A recolha dos dados foi realizada nos 10 volumes do *Vocabulario*, a partir dos arquivos digitalizados disponíveis no site da Biblioteca Nacional de Portugal (<http://www.bnportugal.gov.pt/>). Metodologicamente, a busca, realizada manualmente, restringiu-se às palavras reduplicadas que figuram como entrada ou lema na nomenclatura do *Vocabulario*. Não foram coletados nomes próprios. Todas as formas que evidenciavam repetição – total ou parcial – da base foram coletadas, havendo, após análise, o descarte de algumas delas, como, por exemplo, *tim tim por tim*, ou *timtim por timtim*, *tero lico-tico*, *tirolicotico*, *zomba zombando*.

2.1 Os dados do Bluteau: descrição e classificação

Foram identificadas 44⁷ formas reduplicadas, representativas dos diferentes tipos de reduplicação apresentados por Kauffmann. Algumas dessas palavras-entradas estão registradas duas vezes (nos volumes regulares, de 1 a 8, e nos Suplementos I e II), apresentando, em geral, diferença na grafia: *zigzigue/zigue zigue*; *chue,chuê/xuê xuê*; *laia-laia/laya-laya*; *tero-lêro/terollero*, por exemplo. Mas, em

⁷ Não contabilizamos *tim tim por tim*, ou *timtim por timtim*, *tero lico-tico*, *tirolicotico*, *zomba zombando*, por exemplo, por apresentarem uma configuração distinta da dos tipos elencados. Além disso, consideramos grafias diferentes de uma forma reduplicada como duas palavras (p. ex., *terollero* e *tero-lêro*) quando as descrições apresentadas por Bluteau – nos volumes regulares e nos suplementos –, embora em alguns casos fossem complementares, não eram totalmente coincidentes.

alguns casos, as acepções trazidas nos verbetes são distintas ou complementares. Além dos tipos apontados, distinguimos dois conjuntos de dados com feição de reduplicação, nos termos aqui considerados: o primeiro conjunto abrange formas que têm sua origem relacionada com línguas da África e da Ásia; o segundo, também com feição de reduplicação, comporta formas que, no registro lexicográfico, apresentam-se intercalados por uma vírgula e por um espaço em branco.

Formalmente, o segundo grupo coincide com o que Gonçalves e Vialli (2016, p. 59-60) chamam de repetição, diferenciando-a da reduplicação propriamente dita. Referindo Wierzbicka (1986), os autores descrevem a repetição como "marcada por pausa, representada por meio de uma vírgula na escrita ('Ele caminha devagar, devagar')". No entanto, há nos dados do *corpus* uma assistemática na forma de grafar as reduplicações: além de palavras justapostas com uma vírgula e um espaço em branco entre elas (*chuí, chuí*), ocorrem palavras justapostas sem espaço em branco entre elas (*bulebule*), palavras justapostas separadas por um espaço em branco (*fula fula*) e palavras justapostas intermediadas por um hífen (*laia-laia/laya-laya*). Afinal, está-se no século XVIII, quando ainda não há o estabelecimento de uma norma ortográfica. Assim, não consideramos, especialmente no caso de formas como *chuí, chuí*, tratar-se meramente de repetição, nos termos em que foram colocados por Gonçalves e Vialli (2016).

Ao aplicarmos aos nossos dados os tipos de reduplicação distinguidos por Kauffmann, deparamo-nos com algumas dificuldades, pois uma mesma forma reduplicada pode ser integrada em mais de um tipo, como é o caso de *trape zape*, reduplicação motivada pela onomatopeia mas que também envolve rima⁸. Também há palavras correspondentes a uma onomatopeia, mas sob o formato de uma reduplicação total, possuindo a base existência autônoma na língua, como em *ruge-ruge*. Por fim, sob a capa da reduplicação total estão construções heterogêneas, como já foi referido. É o caso de *baba* e *bulebule*, por um lado, e *lufalufa* e *tafe tafe*, por outro, por exemplo. A aparência de reduplicação total não é suficiente para integrar essas palavras em um único grupo. *Baba* e *tafe, tafe* não apresentam uma base existente na língua (*ba, *tafe), diferentemente de *bulebule* e *lufalufa*, em que depreendem-se as bases *bule* e *lufa*, as respectivas formas dos verbos *bulir* e *lufar*^{9,10}. Assim, é preciso distinguir, dos demais casos de reduplicação total, aquela que envolve uma base reconhecida sincronicamente¹¹, tipo que corresponde à reduplicação prototípica. Diante dessa problemática, consideramos, na descrição e

⁸ Para essa classificação, consideramos as informações que Bluteau apresenta nos respectivos verbetes.

⁹ Não aprofundaremos, neste trabalho, a questão de datação das formas, mas é interessante observar que Houaiss e Villar (2009) datam a forma *lufa-lufa* de 1789, enquanto *lufa* (substantivo) e *lufar* (verbo) datam de 1881 e 1899, respectivamente, segundo o mesmo dicionário.

¹⁰ Pereira (2016, p. 540) reconhece, para *lufa-lufa*, a estrutura [N + N]_N.

¹¹ Embora os dados extraídos do *corpus* sejam situados temporalmente no século XVIII, verificou-se se há registro da base não apenas no *Vocabulário*, mas também em dicionários de língua portuguesa contemporâneos, em especial a versão eletrônica de Houaiss e Villar (2009), *Aulete on-line* e Infopedia.

classificação dos dados extraídos do *Vocabulário*, os seguintes tipos: (i) reduplicação total – casos em que a base é reconhecida sincronicamente, (ii) reduplicação total – casos de onomatopeia; (iii) reduplicação parcial, (iv) reduplicação envolvendo alternância vocálica; (v) reduplicação envolvendo rima; (vi) reduplicação no *baby-talk*. Os dois outros grupos, já referidos, correspondem a termos da Ásia e da África, e a termos separados por vírgula e espaço em branco.

2.1.1 Reduplicação total: casos em que a base é reconhecida sincronicamente

Em Bluteau, a essa situação correspondem as seguintes formas: (1) *bulebule*, (2) *lufa lufa*, (3) *luze luze*, (4) *fula fula*, (5) *mulhe mulhe*, (6) *passa passa*, (7, 8) *ruge-ruge/ruge ruge* e (9, 10) *chué, chuél/xué xué*¹². Exceptuando-se (4) e (9, 10), que oferecem dificuldade na sua classificação, as demais formas correspondem ao padrão $[V_i V_i]_N$ de composição, em que a categoria do produto é distinta da categoria da base.

Bulebule 'espécie de erva', 'pessoa inquieta'¹³ e *lufa lufa* 'ligeireza, brevidade de alguma coisa'¹⁴ têm, na base, uma forma verbal. Também trazem um verbo como base: (i) *mulhe mulhe* 'chuva miúda e persistente'¹⁵, (ii) *luze luze* 'Assim chamão algũs ao insecto, que o vulgo chama Cagalume'¹⁶, (iii) *passa passa* 'Jogo de passa passa [...]'^{17,18} e (iv) *ruge-ruge/ruge ruge* 'Diz-se vulgarmente do ruído dos intestinos' (acepção trazida no volume VII), 'O som, que fazem certas sedas, quando se roçaõ humas nas outras' (acepção trazida no *Suplemento*)¹⁹. Quanto às formas *chué, chuél/xué xué* e *fula fula*, cujas bases não correspondem a um verbo, seguem algumas considerações.

¹² Curiosamente, dessa lista, *bule-bule, luze-luze* e *ruge-ruge* são os exemplos reproduzidos em diferentes gramáticas tradicionais para ilustrar a composição envolvendo dois verbos (COUTO, 1999).

¹³ *Bullebulle* no dicionário da Real Academia Española corresponde a '1. m. y f. coloq. Persona inquieta, entremetida y de viveza excesiva.'. Não há a acepção de erva. Também em Jerónimo Cardoso (1562, 1569) a acepção é coincidente: "Bule bule. Irrequietus, a, um"; "Ardelio, onis. Homem bulebule, que nunca esta quedo". Em Houaiss e Villar (2009, s.u. BULE-BULE), além das duas acepções referidas, registra-se a acepção de evento: 'grande agitação; lufa-lufa, movimento'; entretanto, atribui-se à palavra a data de 1877.

¹⁴ A forma registrada em Houaiss e Villar (2009) é *lufa-lufa*, mas a datação apresentada para a palavra é 1789.

¹⁵ A grafia registrada no dicionário de Houaiss e Villar (2009) é *molhe-molhe*, datada de 1881.

¹⁶ O dicionário de Houaiss e Villar (2009) registra *luze-luze* como sinônimo de *vaga-lume*, mas atribui-lhe uma datação posterior – 1716 –, que, obviamente, precisa ser retrodatada.

¹⁷ Schwaiger (2015, p. 476) enxerga um significado relacionado à pluralidade no composto português *esconde-esconde*, pois, segundo ele, um jogo tipicamente envolve mais de um participante. Será que essa noção de pluralidade também pode ser estendida a *passa passa*?

¹⁸ Jerónimo Cardoso (1569) faz referência a esse jogo: "Præstigiæ, arũ. Os jogos de passa passa". Em Houaiss e Villar (2009), a forma registrada é *passa-passe* e, nessa entrada, é feita a remissão para o verbete "prestidigitação".

¹⁹ Em Houaiss e Villar (2009), *ruge-ruge* está registrado como ruído/som, mas não há a especificação de que se trata do ruído dos intestinos. Propõe-se, para a palavra, uma data anterior a 1789.

Tanto *chuí*, *chuí* quanto *xuí* *xuí* estão registrados no *Suplemento ao Vocabulário* (Parte I e Parte II, respectivamente). Para a classificação de *chuí*, *chuí/xuí* *xuí* e *fula fula* nesse grupo, consideramos as seguintes acepções registradas em Houaiss e Villar (2009) para *chuí/xuí/xuí* e *fula*:

Quadro 1 - Acepções de *fula fula* e *xuí* *xuí/chuí*, *chuí* em Bluteau (1712-1728) e das respectivas (prováveis) bases em Houaiss e Villar (2009).

Forma	Significado em Bluteau (1712-1728)	Significado da base em Houaiss e Villar (2009)
fula fula	Em phrase vulgar, val o mesmo que muyta pressa, & muyto trafego. Na minha opiniaõ derivase do Francez <i>Foule</i> , que quer dizer Apertada, & reboiço de muita gente.	fula ⁴ fula Datação: 1877 1 grande porção ou número (de pessoas ou coisas) 2 movimento acelerado; pressa, precipitação 3 espaço, na parte interna da bochecha, onde se pode acumular comida enquanto se come ou masca 4 cédula falsificada Locução: à f. com precipitação; atabalhoadamente
chuí, chuí	A' ligeira. Cousa breve, pequena, e ligeira. Termo chulo.	chuí ¹ chuí Datação: 1727 1 ruim ou de pouco valor; ordinário, reles 2 sem cuidado; desleixado 3 sem graça; feioso 4 sem viço ou em mau estado; surrado, gasto 5 reduzido a pouco; escasso 6 fraco, doentio
xuí xuí	He termo chulo, que se diz de cousas de pouca dura, de pouca substancia, ou importancia.	xuí / xuí 1 m.q. <i>chorolambre</i> (<i>Pimelodellavittata</i>) 2 m.q. <i>mandi-chorão</i> (<i>Pimelodellalaterisriga</i>) 3 espécie de sapo grande, do gên. <i>Bufo</i>

Fonte: Elaboração própria (negrito de nossa autoria).

Pelo que se observa, as acepções 1 e 2 em Houaiss e Villar (2009) para *fula* apresentam relação com a descrição fornecida por Bluteau. A repetição de *fula* 'pressa', um substantivo, possui uma função intensificadora: *fula fula* 'muita pressa'. No caso de *chuí*, cuja origem faz-se remontar ao árabe hispânico *xuy* 'pouco', as acepções 1 e 5 parecem aproximar-se das definições em Bluteau. Trata-se, nesse caso, de um adjetivo, e a sua repetição parece desempenhar uma função intensificadora. A forma grafada *xuí/xuí* corresponde a uma outra palavra, de acordo com as acepções apresentadas por Houaiss e Villar (2009).

2.1.2 Reduplicação total: casos de onomatopeia

Aparentemente, a reduplicação por onomatopeia não comporta apenas casos de cópia exata da base, como observado em *auau* e *reco-reco*. A palavra *tique-taque*, por exemplo, não constitui uma reduplicação total, mas é uma forma onomatopaica ('onomatopeia de som regular e cadenciado', 'batimento cardíaco, palpito', acepções em Houaiss e Villar, 2009, *s.u.* TIQUE-TAQUE). O que seria o ponto em comum entre essas formas – o fato de não apresentarem uma base lexical identificável – parece não se sustentar em alguns casos, considerando-se os registros em dicionários contemporâneos. Voltando a *tique-taque*, a forma *tique* está registrada em Houaiss e Villar (2009, *s.u.* TIQUE) com a acepção de 'onomatopeia de som que se repete cadenciadamente ou que pretende imitar ruído seco e prolongado', enquanto a forma **taque* não está. Contudo, por uma questão metodológica, classificaremos como reduplicação por onomatopeia apenas os casos de reduplicação total, como pode ser observado no Quadro 2.

Quadro 2 – A reduplicação motivada pela onomatopeia.

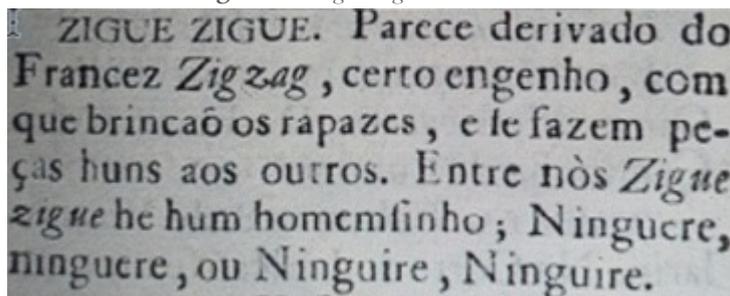
REDUPLICAÇÃO TOTAL – CASOS DE ONOMATOPEIA	
pipi	zigzigue
tiratira	zigue zigue
tafe, tafe	zûm, zûm

Fonte: Elaboração própria.

Nesses dados, a palavra *pipi* é definida no *Vocabulário* como uma ave da África, cujo canto é a repetição contínua dessas duas sílabas. Motivação semelhante apresenta o nome *tiratira*: trata-se de uma ave aquática, cujo som que emite ao voar arrebatadamente corresponde ao seu próprio nome.

Tafe, tafe, para Bluteau, corresponde a 'Termos inventados para exprimir o palpitar, ou latejar do coração com medo'. No dicionário de Houaiss e Villar (2009), registra-se *tefe-tefe*, com significado aproximado: 'o batimento cardíaco', 'amor intenso a ponto de ofuscar a razão; paixão'.

A respeito de *zigue zigue*, Bluteau aventa uma origem francesa, a partir de *zigzag*, como se pode observar na Fig. 1:

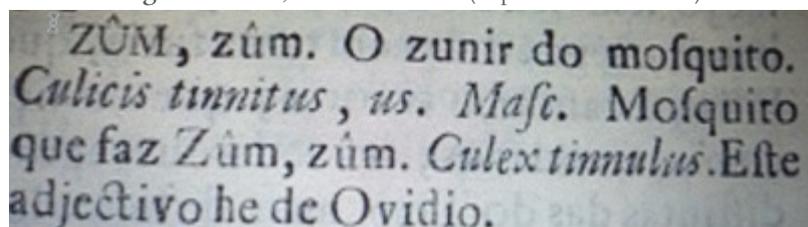
Figura 1 – *Zigue zigue* em Bluteau.

Fonte: Bluteau (1712-1728, *s.u.* ZIGUE ZIGUE, Supl. – Parte II).

No verbete ZIGZIGUE (vol. VIII), além da referência ao brinquedo, há a informação de que esta palavra serve para caracterizar um homem como "inquieto" e "buliçoso".

No *Suplemento ao Vocabulário* (Parte II), Bluteau registra ZÚM, zúm, em que apenas a primeira forma aparece em maiúsculas. Optamos por considerar esse registro como uma forma reduplicada, tendo em vista a descrição na microestrutura (veja-se a Fig. 2) e o registro, em Houaiss e Villar (2009), do lexema ZUM-ZUM. Nesse caso, embora o radical onomatopaico *zum*, sozinho, não esteja registrado em Bluteau, ZÚM, zúm pode ser analisado como um redobro de *zum*, com o efeito de intensificar/ampliar o tipo de ruído.

Figura 2 – ZÚM, zúm em Bluteau (Suplemento - Parte II).



Fonte: Bluteau (1712-1728, *s.u.* ZÚM, ZÚM, Supl. – Parte II).

2.1.3 Reduplicação parcial

Inicialmente, motivados pela repetição de segmentos, identificamos dois casos de reduplicação parcial: *ayaya* e *ruxóxó*. No caso de *ayaya*, seria *aya* a base e *ay* o reduplicante, à maneira de um prefixo? Ou tem-se, nesse caso, o amálgama das duas vogais idênticas, *aya(a)ya*, estando o reduplicante posicionado à direita? Por outro lado, *ayaya* não aparenta constituir uma onomatopeia, pois não há motivação dessa natureza na descrição do referente: 'Dixe, gala, enfeite, ornato de menino' (BLUTEAU, 1712-1728, *s.u.* AYAYA). Em Houaiss e Villar (2009, *s.u.* AIAIA), as acepções para essa palavra são de 'objeto lúdico; brinquedo' e 'veste de criança', e atribui-se-lhe uma origem duvidosa.

No caso de *ruxóxó*, Bluteau atribui-lhe a definição 'Voz com que se enxotaõ aves', indicando que essa espécie de interjeição tem proveniência castelhana ("Huchoho"). No dicionário da Real

Academia Española, sob a entrada *huchohó*²⁰, encontra-se registrado: "huchohó. De hucho y la interj. oh u ho. 1. interj. U. por los cazadores de cetrería para llamar al pájaro y cobrarlo.", sendo *hucho* uma criação onomatopaica, forma utilizada pelo falcoeiro para chamar o passáro.

No dicionário de Houaiss e Villar (2009, *s.u.* XÔ) registra-se apenas *xó*, forma classificada como interjeição, 'us. para enxotar galinhas e outras aves', descrição que coincide com a fornecida por Bluteau para *ruxóxó*. Já o site da Infopédia, da Porto Editora, registra *ruxaxá* como variante de *ruxoxó*, com acepção semelhante: 'voz com que se enxotam as aves, dos campos semeados'²¹. A considerar a origem de *ruxóxó*, a sua estrutura não corresponderia, portanto, a uma reduplicação parcial.

2.1.4 Reduplicação com alternância vocálica

No *corpus*, foram identificados quatro casos de reduplicação com alternância vocálica, isto é, casos em que ocorre, no reduplicante, uma vogal tônica diferente daquela apresentada pela base. A alternância ocorre entre /i/ e /o/, /i/ e /a/ e /i/ e /e/, conforme se pode observar no Quadro 3:

Quadro 3 – Reduplicação com alternância vocálica.

REDUPLICAÇÃO COM ALTERNÂNCIA VOCÁLICA	
birlique birloque	tique taque
tripe trepe	triques troques

Fonte: Elaboração própria.

A forma *birlique birloque*, lematizada no *Suplemento ao Vocabulário* (Parte II), parece ocorrer integrada à expressão "por arte de birlique e birloque"²², que corresponde, segundo o próprio Bluteau (1712-1728, *s.u.* BIRLIQUE, vol. II), ao significado 'com ligeireza de mãos'. Talvez, daí, a extensão do significado de *birlique birloque* para "subtileza no roubar" e "ladrão", termos que integram a sua descrição no *Suplemento*:

²⁰ *Huchohó* in REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de la lengua española*, 23.ª ed., [versión 23.3 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es>. Consulta em: 03 dez 2019.

²¹ *Ruxaxá* in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ruxaxa>. Consulta em: 03 dez 2019.

²² No dicionário Aulete, edição eletrônica, descreve-se, na microestrutura do verbete BERLIQUES, que o seu uso ocorre numa expressão: "s. m. pl. ll usado na loc. fam. Por artes de berliques e berloques, isto é, por arte mágica, milagrosamente". Disponível em: http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 02 dez 2019.

A arte de Birlique Birloque. São termos, de que usa o vulgo, sem, a meu ver, saber bem o que quer dizer. A alguns ouvi usar destas palavras por Bruxaria, a outros por subtileza no roubar; e no Dicionario Castellano, e Francez de Cesar Oudin, acho, que *Birloche*, ou *Birloque* na gira dos marotos de Castella, quer dizer ladrão.

Tique taque, segundo Bluteau (1712-1728, *s.u.* TIQUE TAQUE), provém do francês *Trictrac*, correspondendo a um "jogo de Tabulas, a que deraõ este nome, com que se exprime o ruído dos dados, e das tabulas no taboleiro", significado que não está registrado em Houaiss e Villar (2009).

A forma *tripe trepe*, de acordo com Bluteau (1712-1728, *s.u.* TRIPE TREPE), "He palavra do vulgo. Val o mesmo, que pe ante pe", possuindo, assim, valor adverbial²³.

Em *triques e troques*, tem-se a designação de "huns jogos de vocabulos em que se trocaõ em certo modo as palavras de substantivos em adjetivos, ou de adjetivos em substantivos" (BLUTEAU, 1712-1728, *s.u.* TRIQUES TROQUES). Em Houaiss e Villar (2009), registram-se, sob a entrada *triques-troques*, as acepções 'm.q. trocadilho', 'confusão de termos'. Segundo o mesmo dicionário, trata-se de um vocábulo expressivo, formado sobre o verbo *trocar*.

2.1.5 Reduplicação envolvendo rimas

Analisamos (1) *troche moche*, (2, 3) *tero-lêro/terollero*²⁴, (4) *trape zape*, (5) *trupe zupe* e (6) *tarrás barrás* como casos de reduplicação envolvendo rimas. No padrão instanciado por esses exemplos, a base e o reduplicante distinguem-se pelo(s) segmento(s) inicial(is).

A expressão *troche moche*²⁵ é apresentada por Bluteau como correspondente à locução portuguesa *a torto e a direito*. No dicionário de Houaiss e Villar (2009, *s.u.* TROUXE-MOUXE), essa expressão é definida como 'ação desordenada, confusa' (substantivo) e, na locução *a trouxe-mouxe*, como 'de maneira atabalhoada, sem ordem'.

Tero-lêro está registrado no *Vocabulário* com o sentido de "expressão alegre", "termo de rapazes" e, ainda, de "certa dança rústica". No *Suplemento ao Vocabulário*, a forma registrada é *terollero*, definida apenas como "o nome de huma dança plebea". Esta forma não está registrada em Houaiss e

²³ Em Vieira (1874, *s.u.* TRIPE-TREPE), essa forma é classificada como um advérbio popular, correspondendo a 'pé ante pé, mansosinho'.

²⁴ TERO-LÊRO no vol. VIII do *Vocabulário* e TEROLLERO no *Suplemento ao Vocabulário* (Parte II).

²⁵ No dicionário da Real Academia Española registram-se "a trochemoche" e "a troche y moche" '1. loc. adv. coloq. Disparatada e inconsideradamente.', o que leva a inferir a elipse do conector em *troche moche*. Nesse caso, estão na base dois verbos – *trocear/trozar* e *mochar* – ou, antes, suas formas posverbais. Nessa perspectiva, ter-se-ia antes um composto, mas, sem dúvida, a identidade de segmentos atendeu ao propósito de rimar as duas palavras.

Villar (2009), mas tem registro no Aulete *on-line* e na Infopedia, nos quais também recebe a acepção de uma dança popular antiga.

Tem-se, em *trapezape*, um termo que poderia ser classificado como um caso de reduplicação envolvendo onomatopeia – se não tivéssemos estabelecido critérios de classificação –, a se ter em conta a descrição apresentada por Bluteau (1712-1728, *s.u.* TRAPEZAPE): 'Termo inventado pela figura Onomatopeia. He o ruido das espadas, particularmente quando se começa a dar com ellas'²⁶. Além disso, tanto *trape* quanto *zape* estão, curiosamente, registradas como formas independentes em Houaiss e Villar (2009), recebendo a marca de vocábulos onomatopaicos (*trape*: 'reproduz o ruído de pancada ou golpe'; *zape*: 'o som provocado pelo entrechoque de espadas ou afins; trape-zape'; 'golpe, pancada, paulada'). Nessa situação, *trapezape* poderia ser classificado, na sincronia atual, como um composto?²⁷

No verbete *trupe zupe*, Bluteau faz a remissão para *trape zape*. Não há registro dessa forma em Houaiss e Villar (2009) nem no Aulete eletrônico. Na Infopedia, registra-se *trupezupe*, significando 'pessoa que, por ser bastante pesada, não se segura bem nas pernas'. Considerando os constituintes isoladamente, ocorre o registro de *trupe* em Houaiss e Villar (2009), mas sem a acepção de ruído ('conjunto de artistas, comediantes, de pessoas que atuam em conjunto'; 'companhia de teatro'; 'grupo de sequazes'), enquanto no dicionário Aulete *on-line* o vocábulo apresenta a acepção de 'estrupeido', 'ruído causado por tropel de gente ou de animais'. Na Infopedia, uma das acepções para *trupe* é 'barulho, ruído, rumor'.

Em Bluteau, *tarrás barrás* vem marcado como termo chulo, sem definição, integrando o verso de uma oração: *Tanto que a certeza tive / De que nos vinheis honrar, / Honrarvos também eu quiz / Com grande Tarrás barrás. Oraç. de Fr. Simão, pag. 107*". Com essa representação gráfica, não está registrado nos dicionários de língua portuguesa contemporâneos. No entanto, o dicionário Aulete *on-line* e a Infopédia registram *tarráz-borraz*, de formação expressiva, correspondendo a 'sem ordem, confusamente'. Por outro lado, no dicionário da Real Academia Española, a forma registrada é *trasbarrás*, significando 'barulho que algo produz quando cai', o que imprime ao termo um valor onomatopaico.

2.1.6 Reduplicação no *baby-talk*

Baby-talk corresponde à imitação, por um adulto, da fala de uma criança, que, no entanto, já seria uma imitação da fala do adulto (KELKAR, 1964, *apud* PHARIES, 1986). No *corpus*,

²⁶ No *Suplemento ao Vocabulário* (Parte II), a mesma palavra aparece grafada TRAPE ZAPE e é definida como 'Pancadas com estrondo, ou seja com espada, ou com outra cousa. Chulo.'

²⁷ A datação fornecida por Houaiss e Villar (2009) é: *trape* – anterior a 1580; *zape* – 1721; *trape-zape* – 1634.

identificamos três possíveis casos – *baba*, *nana* e *papas*²⁸ –, descritas por alguns dicionários contemporâneos como palavras utilizadas ou com origem na linguagem infantil, duas delas tendo o latim como fonte. Contudo, trata-se da repetição de sílabas que não apresentam relação com uma base lexical identificável. Em Bluteau, essas palavras são descritas da seguinte maneira: *baba* (< lat. *BABA 'onomatopeia do blá-blá-blá infantil, mesclado de saliva e muco') – 'Humor pituitoso, que sahe da boca'; *nana* (< it. NANNA) – 'Termo, com que se explicaõ os meninos quando querem dormir'; *papas* (< lat. PAPPa 'papa, palavra infantil com a qual as crianças pedem comida') – 'Farinha cozida com leyte, ordinario mantimento de meninos'.

2.1.7 Outros casos de reduplicação

São representativos os registros de formas reduplicadas que denominam espécies zoológicas e botânicas pertencentes a lugares da África e da Ásia. A integração dessas palavras na língua ocorreu, provavelmente, como resultado da presença portuguesa nesses territórios e da influência dos contatos entre línguas por ocasião das viagens expansionistas e comerciais empreendidas por Portugal nos séculos XVI e XVII. Embora não tenha sido possível depreender a existência ou o significado da base, é importante salientar que a reduplicação é um processo morfológico bastante presente em línguas africanas e asiáticas, sendo utilizada para indicar categorias gramaticais distintas, como plural (nomes), intensidade (adjetivos, advérbios) e aspecto (verbos), por exemplo. Nos dados do Quadro 4, que envolvem cópia total da base, destaca-se a função lexical da reduplicação:

Quadro 4 – Formas reduplicadas provenientes de línguas da África/Ásia²⁹.

Forma	Descrição em Bluteau
laya-laya, laia-laia	"Termo da India Oriental, que no commercio val o mesmo, que fazendas sorteadas; panos laya-laya, &c. tambem quer dizer assim, assim."
minhaminha	"Planta de Angola [...]"
mune mune	"Peixe do rio de Sofala [...]"
parapara	"Animal da Ilha Maroupe, situada no meyo do rio de Sofala [...]"

²⁸ Couto (1999) usou também o termo "reduplicação silábica", exemplificando com *babá*, *bebê*, *bumbum*, *caca*, *cocô*, *mamá*, *mimi*, *au au*, *piu piu*, entre outros.

²⁹ O *Vocabulário* registra também *mutututu* 'Arvore das terras de Angola, a que os Negros deraõ este nome', que, embora distinto dos outros casos, apresenta repetição de sílaba. Contudo, mantivemos, no quadro, apenas os casos de reduplicação total.

Forma	Descrição em Bluteau
pipi	"Ave de Africa [...]"
tratratratra	"Animal da Ilha de S. Lourenço [...]"

Fonte: Elaboração própria.

Dos itens lexicais do quadro, *pipi* é um caso de reduplicação por onomatopeia – como visto na seção correspondente –, pois o canto da ave assim denominada é descrito como a repetição dessas duas sílabas.

Pode incluir-se, nesse quadro, a palavra *galagala* ('Dizem-me, que he betume delgado para navios'; 'Betume, para o fundo dos navios, para não entrar agoa, e não furar o gusano', acepções em Bluteau, 1712–1728, *s.u.* GALAGALA), que, segundo Cunha (2010, *s.u.* GALAGALA 'espécie de betume usado para calafetar embarcações'), provém do malaio, língua em que a reduplicação é comum.

Registramos, ainda, algumas formas reduplicadas que parecem fugir às classificações já referidas, em especial pelo seu significado no *Vocabulário*. São elas: (1) *chi, chi*; (2) *cuche, cuche*; (3) *rou, rou*; (4) *talou, talou*; (5) *ta, ta*; (6) *te te*; (7) *traz, traz*³⁰; (8) *ulo ulo*. Decidimos denominá-las de "expressões", pois estão inseridas em contextos bem peculiares: termo para chamar os porcos, à maneira de um vocativo ou chamamento (*chi, chi; cuche, cuche*); parte de adágio popular (*rou, rou*). A forma *ta, ta* corresponde à expressão "Não façais isso", enquanto a forma *ulo ulo*, indicada também como *ullo*, vale o mesmo que dizer "Que é dele" ou "Não há tal coisa ali". *Traz, traz* é referido como "Termo pueril". Sobre *talou talou*, não há informações sobre o seu significado, melhor dizendo, só há a indicação de que são "termos chulos".

A forma *te te*, registrada no *Suplemento ao Vocabulário* (Parte I), recebe uma curta descrição: 'Termos de meninos. O ovo'. O termo não está registrado em Houaiss e Villar (2009). Entretanto, no dicionário Aulete *on-line*, registram-se, sob a entrada *teté*, as acepções: "s. m. || (pop.) jogo das escondidas. || Ato de espreitar, brincando. || (Inf.) Pipi, ovo", as quais mostram uma certa identidade com a descrição apresentada por Bluteau para o termo.

Na próxima seção, abordaremos brevemente a utilização, por Bluteau, de algumas marcas de uso na microestrutura das entradas correspondentes a formas reduplicadas, o que permite inferir algumas informações de natureza sociolinguística.

³⁰ Relacionamos *traz, traz* nessa seção, identificando a base "trás" 'depois de, atrás'. No entanto, há a dúvida se não seria a forma conjugada do verbo "trazer". No *Vocabulário*, *traz, traz* recebe a seguinte descrição: 'Termo pueril, quando os meninos brincaõ, ou se brinca com elles, cobre-se a cabeça, e descobrindo-se, se lhe diz: Traz'. Pharies (1986, p. 150) relaciona, do espanhol, *trastrás* 'el penúltimo en algunos juegos de muchachos', mas com atestação no século XIX. Enfatiza que *trastrás* não deve ser confundido com *tras, tras* 'expressión familia con que se significa el golpe repetido'.

3. As marcas de uso no *Vocabulário de Bluteau*

Não passou despercebida, durante a análise dos dados, a recorrente presença de marcas de uso na microestrutura dos verbetes correspondentes a formas reduplicadas. As marcas de uso correspondem, no âmbito da lexicografia, a "recursos lexicográficos para registrar lexemas que remetem a contextos de variação diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica, entre outras" (VILARINHO, 2017, p. 376). Na obra de Bluteau, Silvestre (2008) destaca os seguintes aspectos particularizados por marcadores: (i) palavras de uso em determinadas áreas técnicas ou especializadas (*Termo de Marinhagem, Termo de Pedreiro*), (ii) informações referentes ao caráter estrangeiro da palavra (*Termo da Índia, Termo de Angola*), (iii) variedades regionais (*Palavra da Beira, Termo de Entre Douro e Minho*), (iv) periodização (*Termo antigo, Palavra antiquada*), (v) Frequência de uso (*[...] he mais usada, he mais vulgar*), (vi) adequação social e situacional (*He palavra baixa, Termo do povo, Phrase vulgar, Termo vulgar, vulgarmente, Termo do vulgo, He palavra do vulgo, He chulo, Chularia, He usado no discurso familiar*), notações gramaticais (*Verbo, Adjectivo*). Interessa-nos, no momento, as marcas de uso correspondentes a informações sobre adequação social e situacional.

Quadro 5 – Marcas de uso utilizadas por Bluteau nas formas reduplicadas.

Forma	Marca de uso
birlique birloque	São termos, de que usa o vulgo [...]
chi, chi	Termo rustico [...]
chuê, chuê	Termo chulo.
cuche, cuche	Termo rustico [...]
fula fula	Em phrase vulgar [...]
lufa lufa	Chularia [...]
mulhe mulhe	Expressão vulgar [...]
ruge-ruge	Diz-se vulgarmente [...]
talou, talou	Termos chulos.
tero-lêro	Termo do vulgo.
trape zape	Chulo [...]
tripe trepe	He palavra do vulgo [...]
triques troques	Assim chamamos no discurso familiar [...]

Forma	Marca de uso
xuê xuê	He termo chulo [...]

Fonte: Elaboração própria (o negrito é de nossa autoria).

Conforme se observa no Quadro 5, das 14 formas em que essas marcas de uso estão presentes, *vulgo* e cognatos (incluindo *vulgar*, modificador de frase/expressão) totalizam 6 ocorrências, *chulo* e o derivado *chularia*, 5, *rústico* 2, e *discurso familiar* 1. É significativo, portanto, que a reduplicação esteja associada a estes marcadores de uso, que carregam principalmente informação diastrática.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo descrever a reduplicação no século XVIII, a partir de dados extraídos de uma fonte lexicográfica, o *Vocabulário português, e latino...*, de Rafael Bluteau, contribuindo com os estudos sobre a reduplicação em português. Para tal, adotou-se uma abordagem ampliada da reduplicação, o que implicou o registro não apenas de formas reduplicadas prototípicas (ou verdadeiras reduplicações), mas também periféricas, como as onomatopeias. Para a sistematização dos dados, utilizamos, com alguma remodelação, a classificação apresentada por Kauffman (2015), que descreve diversos tipos no âmbito da reduplicação. Evidenciou-se, com esse levantamento, a presença da reduplicação enquanto processo morfológico, em que a cópia da base lexical, reconhecível sincronicamente, leva à formação de uma nova palavra, em geral pertencente a uma categoria distinta da da base (por exemplo, *bulebule*, *mulhe mulhe*, *passa passa* etc.). Exceptuando-se *fula fula* e *xuê xuê*, cuja análise apresentou certa dificuldade, os demais exemplos correspondem ao padrão compositivo $[V_i V_i]_N$. Além disso, registramos o que classificamos como expressões (*chi, chi; cuche, cuche*, por exemplo) e casos de reduplicação envolvendo onomatopeia, rimas e de proveniência africana e asiática (*tafe, tafe; tira tira; mune mune*). O padrão depreendido em *birlique birloque*, de alternância vocálica, foi identificado em outras três formas. A reduplicação no *baby-talking* forneceu três possíveis exemplos (*baba, nana* e *papas*) e a reduplicação parcial (talvez) um (*ayaya*), uma vez que descartamos *ruxoxó*.

Outro contributo deste trabalho diz respeito a informações de natureza sociolinguística carregadas pelos marcadores de uso. Com base em Silvestre (2008), foi possível relacionar a informação diastrática evidenciada por esses marcadores com o mecanismo da reduplicação.

As formas reduplicadas extraídas do *Vocabulário* apresentam, fundamentalmente, função lexical. Assim, há formas que denominam espécies botânicas (*bulebule*) e zoológicas (*luze luze*), evento (*mulhe mulhe*), objeto (*ayaya*), jogo (*passa passa*), predicador de humano/não humano (*bulebule, xuê xuê*), substância (*gala-gala*), som/ruído (*ruge-ruge*). É possível, assim, afirmar que a reduplicação no

Vocabulário de Bluteau apresenta-se como significativa, embora prevaleçam os tipos correspondentes a pseudo-reduplicações. Caso de reduplicação prototípica, o padrão $[V_iV_i]_N$, apontado como o mais importante na língua portuguesa e o mais comum no português brasileiro (COUTO, 1999; GONÇALVES; VIALLI, 2016), encontra-se representado no *Vocabulário* de Bluteau (embora sem os contextos de uso). Por fim, ao ampliarmos a noção da reduplicação, ficamos a conhecer diferentes grupos de palavras que têm, em comum, a repetição de sequências segmentais, embora nem todas sejam oriundas de um processo morfológico de reduplicação. Por fim, reafirmamos que os dados extraídos do *Vocabulário* são, sem dúvida, de grande interesse para a história da língua portuguesa.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luciana R. de; GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Análise da reduplicação em dados de aquisição: uma abordagem otimalista. In: **VIII Congresso Nacional de Filologia e Linguística**, 2005, Rio de Janeiro. Questões de morfossintaxe. Rio de Janeiro: CiFeFil, 2004. v. 8, p. 45- 53. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-04.html>. Acesso em: 28 fev 2019.
- ARAÚJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 61-90, jan./jun. 2002.
- AULETE, Caldas. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: dicionário Caldas Aulete, versão *on-line*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário português, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728 (10 vol.).
- CARDOSO, Jerónimo. **Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanicolatinum cum adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione: [...]**. Coimbra: João de Barreira, 1569/1570.
- CARDOSO, Jerónimo. **Hieronimi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem**. Ulissyponne: ex officina Ioannis Aluari, 1562.
- COUTO, Hildo Honório do. A reduplicação em português. **Lusorama**, v. 40, p. 29-40, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. revista e atualizada, Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. **Alfa**, São Paulo, 48(1), p. 9-28, 2004.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V.; VIALLI, Luciana A. Daltio. Reduplicação. In: GONÇALVES, C. A. V. (Org.). **Processos "marginais" de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016. p. 57-76.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Edição eletrônica.
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/>.

- KAUFFMAN, Charles. **Reduplication reflects uniqueness and innovation in language, thought and culture**. Omniglot – Online Encyclopedia of Writing Systems & Languages (Publisher Simon Ager), 2015. Disponível em <https://www.omniglot.com/language/articles/reduplication.htm>. Acesso em: 28 fev 2019.
- PEREIRA, M. Isabel P. Processos de construção não concatenativa. In: RIO-TORTO, G. *et al.* **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 521-553.
- PHARIES, David A. **Structure and Analogy in the Playful Lexicon of Spanish**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1986.
- SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no Português Brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scienza et Labor/Icone, 1988.
- SCHWAIGER, Thomas. Reduplication. In: MÜLLER, P.O; OHNHEISER, I.; OLSEN, S.; RAINER, F. **Word-Formation**. An International Handbook of the Languages of the Europe. Vol. 1, Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 467-484.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., [versión 23.3 en línea]. <<https://dle.rae.es>>.
- SILVESTRE, João Paulo. **Bluteau e as origens da lexicografia moderna**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2008.
- VIALLI, Luciana de Albuquerque Daltio. **Reduplicação em baby-talk: uma análise morfo-prosódica**. Dissertação (Mestrado): Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- VIEIRA, Domingos. **Grande dicionário português ou Thesouro da lingua portugueza**. Porto: Editores E. Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.
- VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira. Marcas de uso: estudo e proposta. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 59 (2), Campinas, p. 375-396, mai./ago. 2017.
- VILLALVA, Alina; GONÇALVES, Carlos Alexandre V. The phonology and morphology of word-formation. In: WETZELS, L., COSTA, J. e MENUZZI, S. (Orgs.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2016. p. 167-187.